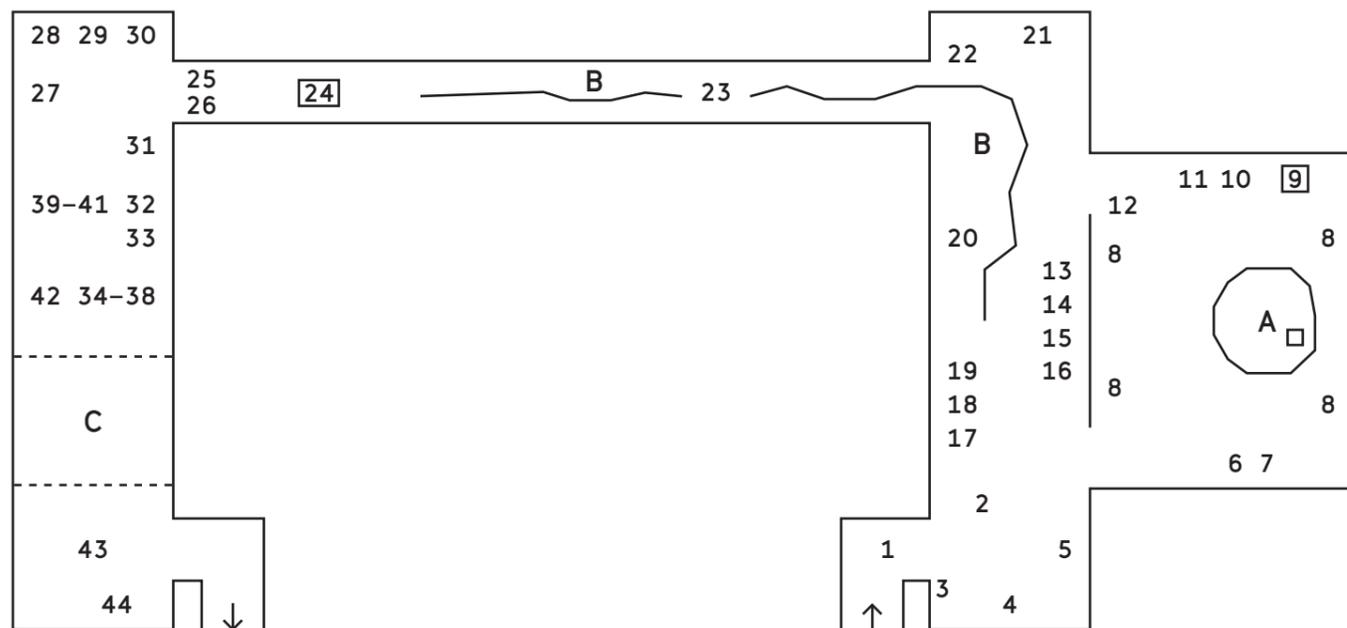


Enzo Cucchi Il libraio e l'artista

Enzo Cucchi Mezzocane



1
Sem título, 2018
Bronze e pátina
Cortesia do artista e da
galeria Madragoa, Lisboa

2
Radura, 2021
Cerâmica

3
Sem título, 2020
Bronze e pátina

4
Sem título, 2014–2016
Grafite, carvão e tinta-
-da-china sobre papel
(5 desenhos)

5
Religione, 2011
Bronze

6
Sem título, 2006
Bronze e pátina colorida

7
Sem título, 2020
Bronze e pátina

8
Il suicidio del pittore, 2008
Esmalte sobre rede de aço

9
Cavallo, 2002–2003
Cerâmica e ferro

10
Sem título, 2023
Bronze

11
Sem título, 2023
Bronze

12
Sem título, 2017
Bronze
Cortesia do artista e da
galeria Madragoa, Lisboa

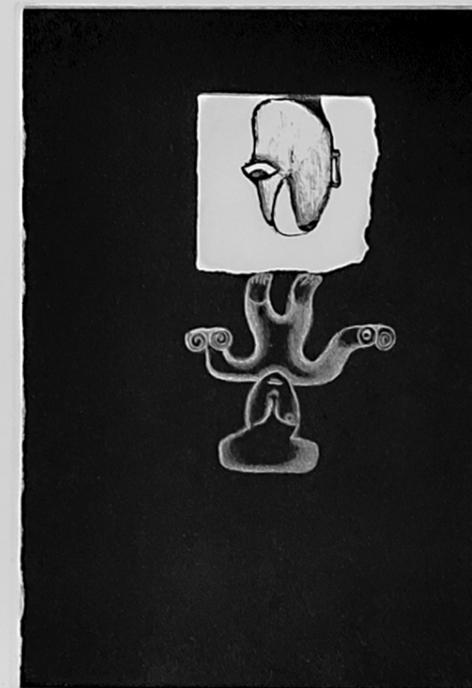
13
Sem título, 2020
Óleo madeira e cerâmica
Coleção particular,
Vicenza

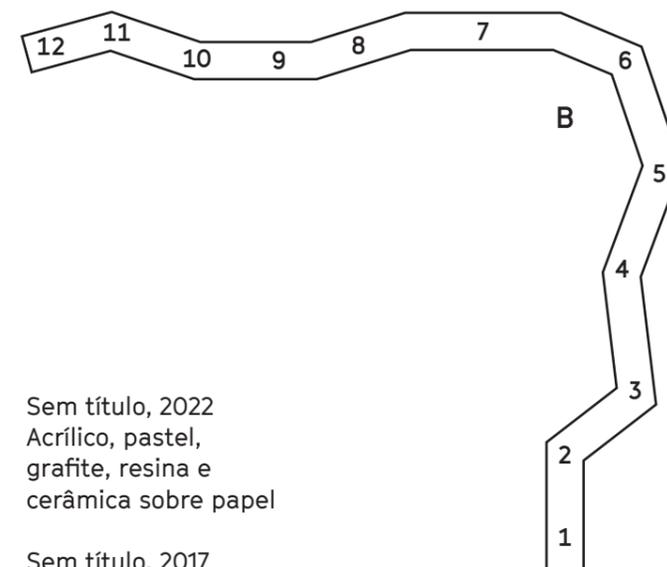
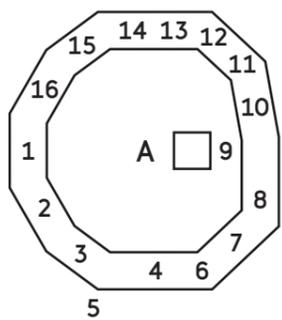
I. Entre os dias 12 e 14 de Setembro de 2023, o Enzo Cucchi deslocou-se a Lisboa com o intuito de preparar esta exposição. Veio acompanhado do seu filho Alessandro, que gere o estúdio que mantêm no centro de Roma e todas as tarefas que dizem respeito à apresentação da sua obra. Os objetivos centrais da visita eram conhecer a equipa, tomar decisões sobre os conteúdos a apresentar e ensaiar as primeiras abordagens ao espaço da Galeria 1 da Culturgest.

No próprio dia 12, duas horas depois de ter aterrado, o Enzo entrou no espaço e, em cerca de vinte minutos, concebeu a exposição. “Qui la rotonda con le sculture. C’è il muro che gira ed entra nel corridoio. Nella stanza sul retro c’è la cattedrale di disegni. Poi, Bruno, alcune opere sparse che punteggiano lo spazio.” O Enzo não fala inglês, e eu não falo italiano, mas os seus gestos e, sobretudo, as suas expressões deixam absolutamente cristalinos os seus entusiasmos e os seus enfados. Percebia que as possibilidades da galeria lhe agradavam genuinamente e que o que a sua proposta traduzia era algo que já tinha sentido na exposição individual que pude visitar, alguns meses antes, no MAXXI – Museo nazionale delle arti del XXI secolo de Roma: as distâncias e o espaço entre peças são, para o

Enzo, tão ou mais importantes do que as relações que elas mantêm entre si. A galeria é por ele entendida como uma pauta tridimensional cujas características arquitetónicas determinam, à partida, um dado tom e um dado compasso. Todas as decisões expositivas se subordinam a esta pré-existência, funcionando as obras como vozes que estabelecem ritmos, harmonias ou dissonâncias, sucedendo-se no passo de um visitante imaginado. Muito se joga nos intervalos, nos silêncios e nas suas articulações, o que faz de cada exposição do Enzo uma composição polifónica, “una complessità” experimental e operática, ativada pelo nosso corpo à medida que a atravessamos.

II. Na tarde do dia 13 de Setembro voltámos juntos à galeria. Supus que, nesta segunda visita ao espaço, o Enzo quisesse confirmar algumas das suas intuições iniciais. Depois de perambular pelas salas segurando a planta onde, no dia anterior, esquisara a exposição, o Enzo decidiu que incluiria duas pequenas esculturas de parede a ladear o início do murete e, ato contínuo, contou a história de Mezzocane. Entre o que pude perceber em italiano e a tradução simultânea que o Alessandro improvisou, fiquei com apontamentos





A
1–4
Sem título, 2006
Bronze e pátina colorida

5
Sem título, 2020
Bronze e pátina

6
Sem título, 2006
Bronze e pátina colorida
Cortesia do artista e da galeria Madragoa, Lisboa

7–15
Sem título, 2006
Bronze e pátina colorida

16
Sem título, 2006
Bronze e pátina colorida
Coleção particular, Lisboa

B
1–5
Sem título, 2020
Cerâmica vidrada e pintada a frio
Cortesia do artista e da galeria ZERO, Milão

6
Sem título, 2002
Bronze e pátina

7
Piscia Caca Muori, 2022
Mármore cinza Bardiglio

8
Sem título, 2010
Mármore branco

9
Sem título, 2022
Mármore vermelho da Sicília

10
Sem título, 2022
Mármore branco
estatuário

11
Sem título, 2022
Mármore vermelho da Sicília

12
Barba d’apostolo, 2011
Cerâmica e madeira

13
Idolo della sera, 2020
Óleo sobre madeira e cerâmica

14
Le Scarpe di Van Gogh, 2022
Mármore negro do Brasil

15
Sem título, 2022
Mármore cinza Bardiglio

16
Sem título, 2019
Óleo sobre madeira e madeira (díptico)

17
Incantesimo, 2023
Bronze

18–20
Sem título, 2019
Óleo sobre tela

21
Sem título, 2019
Óleo sobre madeira e madeira (díptico)

22
La Stimmata, 2018
Óleo e verniz sobre madeira
Cortesia do artista e da galeria Madragoa, Lisboa

23
Sem título, 2022
Mármore rosa de Nápoles

24
Petra, 2017–2018
Óleo sobre tela e cerâmica
Cortesia do artista e da galeria Madragoa, Lisboa

C
Sem título, 2020
Carvão e spray acrílico sobre papel

Sem título, 2017
Grafite e carvão sobre papel

Sem título, 2017
Grafite e carvão sobre papel

Sem título, 2020
Carvão e pastel sobre papel

Sem título, 2020
Carvão, pastel e têmpera sobre papel

Sem título, 2020
Pastel, grafite, esferográfica e carvão sobre papel

Sem título, 2022
Acrílico, pastel, grafite, resina e cerâmica sobre papel

Sem título, 2017
Grafite e carvão sobre papel

Sem título, 2022
Carvão e cerâmica sobre papel resinado

Sem título, 2022
Carvão, acrílico, pastel, vidro e resina sobre papel

Sem título, 2022
Carvão, acrílico, pastel e vidro sobre papel resinado

Sem título, 2022
Carvão, pastel, têmpera, fragmentos de cerâmica e resina sobre papel

Sem título, 2022
Carvão, pastel, têmpera, vidro e resina sobre papel

Todas as obras são cortesia do artista exceto onde indicado.

medo que se instala entre nós. O Enzo deposita o resto das suas esperanças em Portugal. Diz que a Europa é como um rio que desagua no nosso território, donde o estuário da civilização ocidental é a nossa costa atlântica. Pese embora a esperança, o Enzo não é um otimista. Recordei-o de Thomas Bernhard, outro insuspeito otimista, notando que também ele era um inesperado simpatizante de Portugal. Não que o Enzo precisasse de uma sugestão literária para falar de poetas e escritores — esse é, estou convencido, o seu assunto favorito — mas a menção precipitou uma descida caleidoscópica pelas muitas referências do Enzo no campo da escrita até se deter na figura de Giorgio Manganelli.

Crítico literário, tradutor e um dos mais considerados autores da vanguarda literária italiana dos anos 1960, Manganelli é uma figura tutelar para a geração do Enzo. Talvez não propriamente pela obra publicada (enquanto foi vivo, autorizou apenas a publicação de uma das cerca de quarenta obras que escreveu), mas seguramente pelo seu sentido crítico e pela sua desconfiança e absoluta intransigência para com todo o tipo de tentativas de o condicionar, de cercear a sua autonomia ou a sua liberdade criativa. Para ilustrar

a ideia, Enzo contou que quando Manganelli finalmente acedeu a incorporar a lista de autores da Einaudi, a mais prestigiada, famosa e poderosa editora italiana dos anos 1960, Giulio Einaudi decidiu oferecer um jantar em sua honra. Como todos os seus amigos sabiam, a refeição, e a comida em particular, eram sagradas para Manganelli. No referido jantar estavam muitos desses amigos, todos eles grandes nomes da literatura italiana da época, muitos dos quais haviam desenvolvido esforços para que aquele que consideravam ser o seu maior representante integrasse as fileiras da editora do filho do segundo Presidente da República Italiana. A meio da refeição, Giulio Einaudi tirou uma batata do prato de Manganelli. A sala gelou de silêncio. Manganelli, segurando os dois talheres nas mãos inertes, fitou o prato sem pestanejar por dois eternos minutos. Depois levantou-se, despediu-se afavelmente de todos os presentes e não voltou a entrar na Einaudi.

IV. Na manhã do dia 14, acompanhei o Enzo e o Alessandro numa incursão pelo Chiado. O Enzo queria ir visitar alfarrabistas onde pudesse encontrar livros que exemplificassem o tipo de publicação que ele gostava que acompanhasse esta exposição. Depois de largos

minutos desaparecido nas salas recônditas da Sá da Costa, o Enzo emergiu do labirinto com um guia de viagem Portugal–Espanha editado pela francesa Guides Conty. Mais de quatrocentas páginas de descrições, mapas e toda a sorte de informação útil para quem se aventurasse pelos caminhos de Portugal e Espanha no início do século passado. Percebendo a minha confusão, o Enzo instou o Alessandro a informar-me que o que lhe interessava era o modo como aquele livro cabia na mão, o seu formato, o seu peso, o seu ar de livro de consulta que guarda mais segredos do que aqueles que seremos capazes de lá encontrar. Agudizando a minha preocupação, acrescentou, “Bruno, devi fare un testo lungo e narrativo”, ou seja, exortava-me a escrever uma peça de ficção, algo que, remetendo para o universo das obras, não dependesse delas.

Como quem quer evitar todo e qualquer equívoco, gesticulando com o guia na mão e empatando a fila para a caixa, o Enzo pedia-me que não escrevesse um texto interpretativo e, muito menos, académico sobre as obras. Falava de poesia, de fábulas, de contos, e de outros formatos nos antípodas da ortodoxia do texto de catálogo. “Catálogo” era, aliás, uma palavra que lhe suscitava imediatamente um reflexo condicionado

de rejeição e desprazer. O Enzo abomina catálogos. Foi também por isso que deu total liberdade à Catarina Vasconcelos e à Margarida Rêgo (ilhas studio) para encontrarem o corpo definitivo do livro que desenharam para esta ocasião, para definirem o fio das reproduções, para lhes alterarem a aparência e para delas fazerem outras versões, mais inusitadas, definitivamente menos convencionais. A mim, autorizou-me a conceber o mito do Mezzocane, o texto que verti naquelas páginas e cujo resultado final se parece muito pouco com a história que ouvi, em italiano, da boca do Enzo. A sua inspiração, porém, deve-lhe tudo: ao Enzo, ao seu universo, ao seu pensamento e à sua generosidade.

P.S.: As esculturas do Mezzocane acabaram por não entrar nesta exposição. Quando as viu no lugar que lhes tinha destinado, a ladear o início do murete da primeira sala, o Enzo achou-as “troppo piccoli, non possono restare lí.” Encontram-se, disfarçadas de edições, na exposição que dedicamos a outra faceta do seu trabalho, na Galeria 3.